

ZUENIR VENTURA

1968

O ANO QUE NÃO
TERMINOU

2^a edição



Copyright © 1988, 2008 e 2013 by Zuenir Ventura

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Caderno de fotos

Joana Figueiredo

Revisão

Rita Godoy

Fatima Fadel

José Grillo

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ventura, Zuenir

1968 : O ano que não terminou / Zuenir Ventura. —

2.ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2018.

ISBN 978-85-470-0060-8

1. Brasil — História — 1968 2. Brasil — Política e governo
— 1964-1985 3. Brasil — Política e governo — 1967-1969 4.
Jovens — Brasil — Atividades políticas 5. Movimentos sociais
— Brasil I. Título.

18-13847

CDD-981.08

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : 1968 : História 981.08

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva.br

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

SOBRE
1968: O ANO QUE NÃO TERMINOU

“Presente às listas de best-sellers já na semana seguinte à do lançamento, *1968: O ano que não terminou* vai muito além da reconstituição dos acontecimentos políticos de uma época. O livro analisa o comportamento dos jovens e dos intelectuais que tentaram apaixonadamente mudar o rumo da história.”

— *Jornal do Brasil*, justificando a concessão do prêmio Homem de Ideias de 1988 ao autor

“*1968: O ano que não terminou* é um clássico.”

— Antonio Houaiss, *Jornal do Brasil*

“Com este livro, Zuenir revela uma nova face de seu talento: a de roteirista de cinema. Este esplêndido ‘romance sem ficção’ chega às livrarias pronto para ser filmado, com excelentes diálogos, ritmo envolvente e personagens fascinantes.”

— Mauricio Stlycer, *Folha de S.Paulo*

“Sobrevivente dessa singularíssima *trip* político-existencial, o autor do livro é dono de um crônico bom humor que resistiu também às fendas abertas ao longo de uma travessia marcada por terríveis provações. É um Zuenir risonho, apesar de tudo, o que nos conduz pelas páginas deste *1968: O ano que não terminou.*”

— Augusto Nunes, *O Estado de São Paulo*

“O trabalho resultou em um livro brilhante, revelador, esclarecedor e por demais importante para todos aqueles que querem, desejam e precisam conhecer um pouco de nosso passado recente e de triste memória.”

— Nilo de Mingo, *A Gazeta*

“Ventura despe-se do corpo rígido do jornalista e se permite viver, também no texto, a emoção do tempo em que os estudantes quase tomaram o poder.

Ou, se não chegaram a tanto, pelo menos balançaram a estrutura moral arquitetada, mórbida e parada no tempo.” — Afonso Borges, *Hoje em Dia*

“Os 366 dias do ano bissexto mais quente da segunda metade do século xx no Brasil ganharam finalmente uma obra definitiva [...] onde não falta um texto de primeira qualidade.” — Rui Nogueira, *Jornal de Brasília*

“A técnica elaborada por Zuenir foi a do jornalismo de reconstituição, tendo trabalhado rigorosamente com a realidade. Ele chega a dizer que o livro pode ser lido como um romance, mas um romance sem ficção.” — *Estado de Minas*

“Ler o 1968 é uma viagem indispensável para quem quer conhecer melhor o Brasil daquela época e, principalmente, de hoje. O livro já é um sucesso editorial.” — Paulo Roberto Paiva, *Jornal de Casa*

“É um livro que tem encantado pessoas das mais variadas áreas e gerações. Entre surpreso e alegre, Zuenir conta do entusiasmo pós-leitura provocado no jovem Wladimir, de 15 anos, no poeta Geraldinho Carneiro, nos jornalistas Armando Nogueira, de futebol, e Villas-Bôas Corrêa, da política.”

— Teresa Ribeiro, *Jornal da Tarde*

“Manipulando, habilmente, conhecimentos e valores da história das mentalidades e da festa, do inconsciente coletivo, da dialética e dos fenômenos revolucionários, Zuenir fez a reportagem daquele ‘extase da história’ (Edgar Morin) com objetividade e isenção.” — Félix de Athayde, *Jornal do Brasil*

“A lembrança do ano que não acabou segundo Zuenir Ventura é purificada pela generosidade que não mente, pelo humor que não deforma e até pela harmonia onde só se via o caos.” — Ariovaldo Bonas, *O Estado de São Paulo*

*A Mary, Mauro e Elisa,
companheiros de viagem.*

*A meu pai,
por quase um século de luta.*

*Em memória de Leon Hirschman,
Hélio Pellegrino e Joaquim Pedro de Andrade.*

*... Não devemos servir de exemplo a ninguém.
Mas podemos servir de lição.*

Mário de Andrade

SUMÁRIO

Prefácio à nova edição	13
Apresentação — Heloisa Buarque de Hollanda	19
Introdução	23

PARTE I

O rito de passagem	29
A viagem experimental	40
Perdidas gerações	53
Muitas ideias na cabeça	61
A luta pela rapadura	70
Os passos da paixão	83

PARTE II

A ira recalcada	97
-----------------	----

Onde tudo começou	106
Um ensaio de golpe	115
A cruz contra a espada	123
Um pouco de carne	131
A sexta-feira sangrenta	137
O acordo ao amanhecer	147
E todos se sentaram	157
Cutucando a onça	167
A guerra contra a mosca	181

PARTE III

Uma chuva sobre o palácio	191
Que juventude é essa?	199
Um herói solitário	207
Um certo cheiro de pólvora	217
Terror em noite de Lua	225
O vale da insensatez	234

PARTE IV

Menos a honra	253
A capitulação	258
O ato final	264
Cai o pano	279
Nunca mais	297
Agradecimentos	299
Fontes de consulta	303
Índice onomástico	309

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO: TEIMANDO EM NÃO SAIR DE CENA

Será que meio século depois ainda dá para confiar naqueles que em 1968 recomendavam não confiar em ninguém com mais de trinta anos? Confiando ou desconfiando, como lição ou como exemplo, o que não cessou foi a insistência em tentar entender o que se passou. Que balanço se pode fazer hoje de um tempo tão carregado de ambições e de sonhos? O que restou de tantos ideais? Qual seria o legado de uma insurreição de jovens que pela primeira vez, e sem internet, teve dimensão planetária ou, como se diz agora, globalizada? Sim, porque em 1968 o mundo pegou fogo — em todos os sentidos, não só no figurado. Esse ano mítico incendiou corações e mentes, explodiu em canções, filmes, passeatas, revoluções e guerras, nas ruas transformadas em campos de batalha, nos palcos e telas, na política, no imaginário e no comportamento. Um frêmito percorreu o planeta. Foi, como se disse então, um “extase da História”.

Entre os vários estudiosos que se debruçaram sobre o tema no calor da hora, quem acertou foi o sociólogo Edgar Morin, que, depois de acompanhar o Maio francês e em seguida as nossas passeatas, concluiu: “Vamos precisar de anos e anos para entender o que se passou”. Como que para confirmar isso, 1968 continua uma *obra aberta*, para usar a categoria criada por Umberto Eco que estava na moda, que recomendava: “Pode-se processá-lo, analisá-lo, condená-lo, mas não cancelá-lo como um fenômeno de loucura”. Ao que eu

acrescentaria: pode-se exaltá-lo, romantizá-lo, desde que não se tente sacralizá-lo como um momento de inspiração divina da História. Ele é mais lição do que exemplo. Há mais o que aprender com a experiência do que simplesmente copiá-la ou tentar repeti-la.

O emblema maior dessa ebullição foi o Maio francês, com tudo o que ocorreu nesse mês em que os estudantes viraram Paris de cabeça para baixo, retirando as pedras do chão com as quais abalaram simbólica e literalmente o governo do lendário general De Gaulle. Anárquicos e utópicos, eles contestaram da escola ao princípio de autoridade, das relações familiares às sexuais, das roupas ao corte de cabelo. Além das barricadas, dos postes derrubados e dos confrontamentos com a polícia, que causaram centenas de feridos, *Les événements de mai* foram também uma guerra verbal. Nas paredes e muros, os jovens escreveram suas palavras de ordem e seu ideário: “É proibido proibir”, “A imaginação no poder”. “Seja realista, exija o impossível”. Nada para eles era impossível — das utopias às aventuras espaciais.

O sonho espalhou-se e os protestos varreram outros países do Ocidente. Na Tchecoslováquia, a Primavera de Praga, um anseio de “socialismo com face humana”, acabou esmagada pelos soldados soviéticos. A resistência foi heroica e romântica, com jovens enfrentando os tanques de peito aberto ou trocando as placas das ruas para desorientar os invasores. Os protestos perpassaram a Europa e chegaram até o Oriente. No Japão, as manifestações estudantis e a repressão policial foram especialmente violentas.

Nos Estados Unidos, o movimento dos direitos civis de Martin Luther King, por um lado, o Black Power, por outro, e os hippies por toda parte propondo sexo, drogas e rock and roll, agravaram a crise provocada pela derrota das tropas americanas no Vietnã. No campo artístico, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Bob Dylan e Joan Baez funcionaram como os acordes dissonantes, fazendo coro à subversão sonora que vinha de fora com os Beatles e os Rolling Stones.

Essa misteriosa sintonia, que juntava em torno de anseios e ideias comuns jovens de nações e sistemas tão diferentes, manifestou-se de maneira peculiar no Brasil. Aqui começou antes, no Rio de Janeiro, em 29 de março, quando 50 mil pessoas acompanharam o enterro do estudante Edson Luis, morto pela polícia, convocando a classe média, ainda relutante, com um apelo irresistível repetido até o cemitério: “E se fosse um filho seu?”. Outra diferença é que os contestadores brasileiros, em lugar da “sociedade de consumo” e do “sistema”,

tinham um inimigo mais concreto, que censurava, prendia, torturava e matava: a ditadura militar de 1964. Por isso, a nossa “geração de 68” foi a que mais caro pagou por sua rebeldia, através de prisões, tortura, exílio e até morte.

Há muito que rejeitar dessa romântica turma de Aquarius — o messianismo revolucionário, a onipotência, o maniqueísmo e sobretudo o voluntarismo, que confundia revolução com volição, seguia os versos de Geraldo Vandré: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Sob a inspiração de feitos improváveis como a vitória de Fidel Castro em Cuba e a resistência do pequeno Vietnã do Norte ao gigante americano, acreditava-se que as mudanças na História dependiam mais da vontade do que das condições objetivas. Não podemos esquecer que eram tempos de utopia como medida das coisas e não de distopia como agora.

Há muito também que recuperar da experiência. O melhor de seu legado não está nos gestos e ações, às vezes desesperados, mas na ética e na paixão com que aqueles jovens arriscaram a vida defendendo um projeto, enquanto experimentavam os limites de todos os horizontes — políticos, existenciais, comportamentais, sexuais —, sonhando em aproximar todos. O que mais impressionava o psicanalista Hélio Pellegrino, um tipo inesquecível daquela e de outras épocas, era “o sentido ético”, que tanta falta faz nestes tempos em que a Lava Jato está expondo as vísceras dos podres poderes de um país onde a corrupção se infiltrou como um vírus nas relações espúrias entre políticos e empresários, atingindo representantes de todas as instâncias — Executivo, Legislativo, Judiciário.

É importante destacar as heranças positivas que ou surgiram ou ganharam consistência naquele ano e cuja vitalidade ainda se faz sentir, como quatro movimentos sociais: o homossexual, o negro, o ambiental e principalmente o feminista, que chega a 2018 ostentando alguns significativos exemplos de “empoderamento”, para usar uma palavra que não existia naquela época e que designa a conquista de um direito devido.

Alguns dos principais cargos ligados à Justiça no Brasil estão ocupados por mulheres, o que seria impensável meio século atrás: Supremo Tribunal Federal, Procuradoria-Geral da República, Superior Tribunal de Justiça e Advocacia-Geral da União. Por outro lado, a prestigiada Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) na sua 15^a edição, em 2017, bateu o recorde de escritoras e escritores negros. Pela primeira vez havia mais mulheres do que homens no

programa, chegando a 30% dos convidados. Além de racismo, discriminação e preconceito, as questões de gênero compuseram a pauta ao longo de toda a festa. Assistindo aos debates, estava a pessoa que mais brilhou no evento, a professora aposentada Diva Guimarães, de 77 anos, que pegou o microfone e fez um discurso emocionado sobre sua história pessoal de enfrentamento do racismo. Muita gente chorou, inclusive o ator Lázaro Ramos, que estava lançando *Na minha pele*, uma reflexão sobre sua trajetória e a segregação racial ainda existente no país. Ele e sua mulher, Tais Araújo, são dois dos melhores exemplos de empoderamento na televisão.

Quanto aos homossexuais, as paradas do “orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros)” são as maiores do mundo, reunindo todo ano milhões de pessoas. “Sair do armário”, isto é, assumir a condição publicamente, inclusive em casamentos entre gays, é uma atitude cada vez mais natural nos meios de comunicação. Um dos personagens de sucesso de uma das telenovelas mais populares de 2017, *A força do querer*, de Glória Perez, era uma garota transgênero. O movimento ambientalista, por sua vez, conseguiu inscrever a defesa da Amazônia na agenda planetária. Mas há muito que conquistar em um país que ainda pratica, muitas vezes impunemente, crimes de feminicídio, homofobia, discriminação do negro e desmatamento de nossas florestas. No caso da mulher, embora seja crescente o número de denúncias de vítimas de assédio, abusos e agressões sexuais, os registros estão aquém do que realmente acontece. Ainda existe o medo do costume perverso de atribuir à mulher a culpa por ser abusada.

Apesar da resistência do atraso, o Brasil é, inegavelmente, melhor do que era em 1968. As mudanças de costumes e comportamentos foram tantas — e produzidas ao mesmo tempo — que estão sendo responsabilizadas pela atual onda de conservadorismo que grassa aqui e no mundo, ou seja, tenta-se culpar o avanço dos anos 1960 pelo retrocesso dos anos 2000. Além dessa crítica, há entre os que não viveram os tempos de ditadura militar a falsa impressão de que, graças à ordem armada, não existia corrupção como a que se verifica atualmente no país. Um episódio apenas para desfazer esse engano: em 1968, o governo chegou a instalar uma Comissão de Investigações para confiscar os bens adquiridos de maneira ilícita por militares e agregados. Como se não fosse suficiente, em 1970 o Coordenador da Oban (braço clandestino da repressão) propôs ao Comando do II Exército uma Oban específica contra a

corrupção, que não era percebida pela sociedade porque uma implacável censura impedia que a imprensa noticiasse.

Quanto ao legado negativo, houve, sim, a “herança maldita”, a pior delas, representada pelas drogas. Associadas ao tráfico de armas, elas constituem um negócio globalizado que talvez seja o mais rentável do planeta, movimentando uma fortuna calculada entre 500 bilhões e 3 trilhões de dólares por ano. Tão perniciosa quanto a ilusão juvenil de que elas ampliavam a percepção e o conhecimento foi a forma de combatê-las lançada por Richard Nixon, a War on Drugs, a crença ainda atual de que podem ser erradicadas com a força bélica. A estratégia é um fracasso que só causa perdas de recursos e de vidas porque estimula o narcotráfico e aumenta o consumo ilícito.

Neste meio século pode ter havido algum ano tão ou mais importante, porém nenhum tão lembrado, discutido, questionado e com tanta disposição de permanecer como referência por afinidade ou por contraste. Ao se comportar como se fosse um ser animado, suspeita-se que 1968 não tenha sido um ano, mas um personagem — inesquecível e que teima em não sair de cena.

APRESENTAÇÃO

Heloisa Buarque de Hollanda

Zuenir Ventura não é um bom jornalista. Se a qualidade que define um bom jornalista for a objetividade, é exatamente essa qualificação — que comprovaria, segundo a cartilha das escolas de comunicação, seu valor profissional — que se mostra problemática aqui. (É bem verdade que exatamente daí Zu tira seu passe de mágica. Mas essa conversa fica para mais tarde.) Já em termos de aferição, eu não seria tão categórica. Nesse quesito, ele é um craque. Em termos de redação, imbatível. Acho que, desde sua estreia, o texto de Zu se apresenta ágil, preciso, econômico, sedutor. Provavelmente, o que se aprende nos cursos de jornalismo não leva a tal resultado. Deve ser talento mesmo. Assim, seu único senão fica mesmo na questão da objetividade.

Insisto nisso porque *1968 — O ano que não terminou* é um livro que me diz respeito diretamente, já que vivi com grande intensidade esse ano, como aqueles que se seguiram, menos iluminados e mais sombrios. Não só vivi como me formei nessa atmosfera de paixão e impulsividade, um momento não apenas de grandes sonhos, mas do sentimento de que poderíamos, sem grandes dificuldades, transformar esses sonhos em História.

A respeito do livro, eu sabia que Zuenir havia feito inúmeras entrevistas, consultado jornais, revistas, livros, documentos, enfim, tudo o que se possa

Apresentação

pensar. Sabia então que precisão e fidedignidade o livro iria ter. Tinha certeza de que a época estaria exaustivamente documentada, incluindo-se aí os mitos e bastidores do poder jovem.

Portanto, conhecendo, na pele, a época e tendo convicção sobre a obstinada seriedade da aferição e pesquisa de Zuenir, me aproximei do livro com carinho pelo assunto e expectativa sobre o trabalho de meu amigo. Sim, porque há muitos e muitos anos Zuenir e eu somos amigos, companheiros de militância, de faculdade, das famosas festinhas com alta incidência de cineastas, das discussões maoistas na praia e de pré-estreias no Paissandu, com passagem pelos debates da Cinemateca do MAM. Mas isso é só um detalhe que, se influenciou minha leitura, o fez muito pouco.

Surpresa. O que me pegou não foi a precisão da recuperação dos fatos de 1968 nem a extensão do panorama histórico e cultural que o livro oferece. Foi uma coisa estranha, visceral. Um túnel que me fez voltar, no susto e de forma meio irracional, para aquele momento. Mas, ainda assim, não era bem aquela história que eu revivia. Eram cheiros, olhares, cenários, figurinos. Detalhes, muitos detalhes.

Foi aí que eu percebi como Zuenir atuava sobre a necessária objetividade. Esse foi seu primeiro livro publicado, é verdade. E, na escrita literária, o mestre jornalista poderia ter se sentido livre para adotar licenças e liberdades narrativas em relação ao material de pesquisa que informa sua escrita. Mas não é disso que estou falando. Falo de um procedimento que faz do Zuenir o Zuenir. E esse procedimento é uma extrema habilidade de escuta. A entrevista aqui não parece dirigida tão somente para o levantamento preciso de dados e fatos. Pelo menos, este não é seu maior resultado. Zu ouve um pouco mais. Descobre, na inflexão inevitavelmente ficcionalizada da memória, nostalgias, ressentimentos, desejos, sonhos, frustrações. Essa é a verdadeira matéria-prima que estrutura o trabalho de reconstituição do ano histórico de 1968 feita por Zuenir, autor e personagem. Trabalho de mestre. Um texto que me pegou pelo pé.

Fora isso, tenho de reconhecer que a abertura do livro, elegendo meu réveillon como ícone da euforia pré-AI-5, me deu meus 15 minutos de fama, que na realidade perduram até hoje.

Não há curso que eu comece em que não sinta no ar a pergunta que não quer calar: “Professora, seu réveillon foi mesmo daquele jeito? Dá para contar

direitinho essa história?” Dependendo do clima e do meu humor, ou disfarço, ou digo: “Que nada. Aquilo é coisa do Zuenir...” Mais grave é o caso da imprensa. Volta e meia, vem um jornalista sorrateiro armando uma ciladinha básica: “E o réveillon, professora?” Graças a Deus, em matéria de imprensa, meu *media trainer* sempre foi o autor do crime: Zuenir Ventura. Perguntado como agir em caso de entrevistadores de má-fé farejando uma orgia promovida pela professora, Mestre Zu, do fundo de sua longa experiência em redações e editorias de jornal, me instruiu para responder com um leve acento irônico: “Foi uma pena você ter perdido essa festa.” Ao que eu, encantada, obedecço ao pé da letra.

INTRODUÇÃO

A nossa história começa com um réveillon e termina com algo parecido a uma ressaca — ressaca de uma geração e de uma época. Entre os dois, o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante. É possível que 1968 não seja, como querem alguns de seus hagiólogos, o ano zero de uma nova modernidade, embora os estudantes franceses já tivessem avisado, na época, que era apenas o começo: “*Ce n'est qu'un début*”, advertiam os muros de Paris.

O sociólogo Edgar Morin, que acompanhou o Maio francês e em seguida veio ver nossas passeatas, falou em “extase da História”. Seu colega mais velho, Raymond Aron, assustou-se com a “demência coletiva”, para mais tarde admitir que aquele “psicodrama coletivo” — outra de suas classificações pejorativas — mudara a França.

Na mesma época, em outro país, a Alemanha, o igualmente célebre filósofo Jürgen Habermas chamou os jovens iracundos de 68 de “fascistas de esquerda”, mas depois reconheceu que toda a atualidade cultural, da ecologia ao individualismo, começou a brotar naquele ano.

A morte não deixou que o grande Pier Paolo Pasolini pudesse rever, vinte anos depois, o seu ódio imediato aos “pequeno-burgueses filhinhos de papai e do poder”. Num enorme poema-manifesto, o cineasta comunista registrara, para escândalo geral da época: “Odeio vocês tanto quanto odeio seus pais.”

De todos os que escreveram no calor da hora sobre os acontecimentos de 68, só Morin estava certo: “Vão ser precisos anos e anos para se entender o que se passou.”

Depois de “anos e anos”, 68 continua a ser uma *obra aberta*, para citar uma categoria então na moda. Aliás, o seu criador, Umberto Eco, foi quem forneceu a melhor pista para se aproximar daquele ano-chave: “Pode-se processá-lo, analisá-lo, condená-lo, mas não cancelá-lo como um fenômeno de loucura.”

Mas também — seria o caso de acrescentar — pode-se exaltá-lo, romanizá-lo, contanto que não se tente sacralizá-lo como um momento de inspiração divina da História.

O jornal *Le Monde* chegou a lamentar que 68 costuma ser tratado apenas como “um mito e um mal-entendido” — e isto na França, que gosta de olhar para o passado e que vem se debruçando seriamente sobre as lições do que considera ser o acontecimento mais importante desde a Segunda Guerra Mundial, mais importante mesmo do que a guerra da Argélia.

Se esse esquecimento ocorre na terra de Proust, o que dizer de um país que sofre de amnésia crônica e onde, como já observou Ivan Lessa, “a cada 15 anos, esquecemos os últimos 15 anos”?

Com persistência rara, para o Brasil, 68 ainda povoa o nosso imaginário coletivo, mas não como objeto de reflexão. É uma vaga lembrança que se apresenta, ora como totem, ora como tabu: ou é a mitológica *viagem* de uma geração de heróis, ou a proeza irresponsável de um “bando de *porralocas*”, como se dizia então.

Na verdade, a aventura dessa geração não é um folhetim de capa e espada, mas um romance sem ficção. O melhor do seu legado não está no gesto — muitas vezes desesperado; outras, autoritário —, mas na paixão com que foi à luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio. Poucas — nem a efêmera geração dos caras-pintadas — lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos.

Sem dúvida, há muito o que rejeitar dessa romântica geração de Aquário — o messianismo revolucionário, a onipotência, o maniqueísmo —, mas há também muito o que recuperar de sua experiência.

Pouco antes de morrer, o psicanalista Hélio Pellegrino, um tipo inesquecível dessa e de outras épocas, disse, num depoimento para este livro: “Nós aprendemos com a loucura, a generosidade e o sangue deles.”

Aos 44 anos, Pellegrino era um personagem da geração de 68, que dizia não confiar em ninguém com mais de trinta anos. Entre outras originalidades, ela acabou nos ensinando, talvez sem querer, que uma geração não é feita de idades, e sim de afinidades. Por isso, podia comportar um psicanalista de meia-idade, um garoto de 14 anos como *Cesinha*, cuja saga consta deste livro, e um velho de 76 como Tristão de Athayde, isto é, Alceu Amoroso Lima, que defendia a nova “cruzada das crianças” com entusiasmo juvenil.

O que mais impressionava o político e psicanalista Hélio Pellegrino era o sentido ético desses jovens. Ele dava como exemplo o seu comportamento durante a guerra suja que se seguiu a 68: “Conhecem-se deles muitas e inadmissíveis loucuras, inclusive execuções, mas nenhum ato de tortura.”

Esta, porém, é outra história. Serão os nossos anos de chumbo, quando essa geração solar, escancarada e comunicativa troca as ruas pela paisagem lunar da clandestinidade — para se enfurnar nos soturnos *aparelhos*, ou para mergulhar nos subterrâneos da droga.

A nossa história é a de 68, ou melhor, *uma* das possíveis histórias de um período rico demais para ser apreendido em uma só visão. Por isso, aliás, é que o autor privilegiou, mais do que a própria vivência, o material de época e o testemunho dos protagonistas, sabendo como é difícil olhar para o passado sem ser assaltado pela vontade de promover um retoque aqui ou uma melhoria ali. Todo cuidado, porém, foi tomado para não se fazer como certas obras de restauração de patrimônios históricos, que mantêm a fachada, mas alteram o interior.

Com esta exaustiva pesquisa e o apoio de dezenas de depoimentos e entrevistas, esperamos ter realizado não uma simples devolução de fatos, mas a reconstituição dos sonhos, do imaginário, das mentalidades, dos sentimentos, do clima e do comportamento daqueles tempos de exaltação e de febre, ou, como disse um dos protagonistas, o diretor de teatro Flávio Rangel, “tempos de nó na garganta”.

Os nossos “heróis” são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescerem. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandré, viam Glauber e Godard, andavam